

# RelevO

agosto/2020, n. 14, a. 10

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



**Assine/Anuncie:** O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em [jornalrelevo.com/assine](http://jornalrelevo.com/assine) e [jornalrelevo.com/anuncie](http://jornalrelevo.com/anuncie) ou fale conosco no [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

**Publique:** O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em [jornalrelevo.com/publique](http://jornalrelevo.com/publique) ou pelo [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

**Newsletter:** Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em [jornalrelevo.com/enclave](http://jornalrelevo.com/enclave).

**As ilustrações de capa e contracapa desta edição** são de autoria de Renato Faccini. Você pode conferir mais do trabalho dele em [www.behance.net/rfaccini](http://www.behance.net/rfaccini). **As ilustrações internas** são de Gabriel Bicho: [www.gabrielbicho.com](http://www.gabrielbicho.com).

## Agosto/2020

Editor: Daniel Zanella  
Editor-assistente: Mateus Ribeirete  
Ombudsman: Sandro Moser  
Revisão: Ramiro Canetta  
Projeto gráfico: André  
Infografia: Bolívar Escobar  
Advogado: Bruno Meirinho  
OAB/PR 48.641  
Impressão: Gráfica Exceuni  
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 26 de Julho de 2020

## Dos custos da vida

### (+) RECEITA BRUTA

#### ASSINANTES:

R\$ 15 Matheus Zucato Robert; R\$ 25 Emilia Cremasco; R\$ 47 Sandra Lucia Abrano; Luana Silveira; Rafael Azevedo Silva; Rafael Santos Pereira; R\$ 50 Renan Machado; Isabela Lucena; Abraão Vitoriano; Eduardo Pereira de Souza; Mariana Salomão Carrara; Michelle Rinaldi; Mateus Rodrigues; R\$ 55 Bárbara Volpini Duarte; Karen Alves de Lima; Theo Alves; Tatiana Bicalho; João Paulo Abreu de Oliveira; Pedro Diniz de Araujo Franco; Sulamita Marques; Sabrina Nunes; R\$ 60 Talitha Tshoke; Noemia Marques; Wilson Chales; Leila Kelly; Ana Maria Areias da Silva; Grace Liz Dantas Barros; Beatriz Cajé Bernardo; Germano Viana Xavier; Naji Samaha; Luz María Romero; Vivian Renata Kida; Caio Argolo; Gabriela Guerra; Jaqueline Stigar; Nara Caldeira; Bianca Walther; Ricardo de Bastos Cambraia; Claudia Lopes Borio; Silvia Cristina Coser; Afonso Caramano; Ana Carolina Barbieri; Luanda Julião; Ana Olli; André Andrade; Luiz Antonio Guimarães Cancellato; Mariangela Andrade; José Antônio; Christian Schwartz; Luísa Coutinho; Alez; Josiane Fontana; Álvaro Fonseca Duarte; Priscila Lopes; Leandro Rafael Perez; Tiago Suchodolak; Carol Rodrigues; Julio Cesar Lima; Angel Cabeza; Rafael Silvaro; Sérgio Aral; Lourença Lou; Priscila Costa; Daniel Koganas; Angeline Meghann; Giovanna Franca; Ades Nascimento; Vinicius Bopprê; Lucas Leandro Silva; Daniela Pereira; Marcus da Costa; Clauco Oliveira; Paula Vaz Teixeira; Rafael Waltrick; Lucas Laranjeira; André Henrique Mendes Viana; Robson Vilalba; Érica Reis; Lucas Leandro Silva; Geide Marques; Lorena de Lima; Murillo Medeiros; Victor Simião; R\$ 75 Julia Guarilha; Ana Maia; R\$ 85 Jean Duarte; R\$ 100 Rochester Araújo; João Henrique Balbinot; Klaus Pettinger; Lia D'Assis; Ane Montarroyos; Guilherme Gontijo Flores; Ana Bertozzi; Mário Stringhini; Elieder Corrêa da Silva; Consolação Buzelin; Fernando Piva; Amador Madalena Maia; Rafael Cavalcanti Santos; Eduardo Sens; Alysson Mazzochin; Rosimeire Aparecida Viana; Lucas Augusto R\$ 105 Érika Murakami; R\$ 120 Camila de Araújo Silva Martines; Markus Fendel; R\$ 150 Candeia Araujo; R\$ 200 Rafael Schoenherr.

**TOTAL: R\$ 7.368**

#### ANUNCIANTES:

R\$ 250 Lucas Sanches Lima; R\$ 200 Editora Penalux; R\$ 50 Banca Tatuí; Cel Bentin; André Felipe Fernandes.

**TOTAL: R\$ 600**

### (-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 883  
Escritório: R\$ 450  
Entregadora: R\$ 60  
Capista: R\$ 60  
Embaladora: R\$ 60  
Editor-assistente: R\$ 200  
Serviços editoriais: R\$ 450  
Mídias sociais: R\$ 380  
Diagramação: R\$ 100  
Infografia: R\$ 110

### (-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 400  
Embalagem: R\$ 73  
Correios: R\$ 3.114  
Empréstimo 2/3: R\$ 1.000

### (-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 30

(+) Entradas totais: R\$ 7.968

(-) Saídas totais: R\$ 7.960

**(=) Resultado operacional: R\$ 8**

## Conselho Editorial

Alexandre Guarnieri  
Ben-Hur Demeneck  
Bruno Meirinho  
Carla Dias  
Celso Martini  
Cezar Tridapalli  
Enilda Pacheco  
Felipe Harmata  
Gisele Barão  
Jacqueline Carteri  
Osny Tavares  
Whisner Fraga

## Dos leitores

### CONEXÃO

**Sulamita Mendes** Um papel-jornal que cruzou o país para me receber como leitora. Cada fala, cada opinião de assinantes, cada texto, cada imagem me capta como uma criança que acaba de aprender a ver. Farei com prazer a divulgação entre meus amigos, passarei de mão em mão o papel e espero trazer novos assinantes em breve para esse jornal. Agradeço pelo papel. Se não fosse papel, eu não leria. Se não fosse papel, não teria viajado de Araucária para Amazonas. Agradeço.

### MEZZOS

#### Gabriel Alencar e Marcia Arantes

**GA:** Lembro que, da primeira vez que comentei sobre o jornal, você me disse que ele valia a pena, porque era muito bom. Esse foi um incentivo que me deu certeza de assinar ele.

**MA:** Eu vi seu nome entre os assinantes. E o que você acha do jornal?

**GA:** Acho maravilhoso! Há um meio-termo interessante entre literatura mais “erudita” ou acadêmica e uma mais simples ou “popular”. É esse equilíbrio que me fez realmente gostar dele.

**MA:** Concordo. E tem um temperinho de um humor mais ácido.

**GA:** Também gostei de ver o equilíbrio político dele. Enquanto não se cala para assuntos assim, também não toma lados de modo descarado, o que o torna mais acessível. Eu sou um cara que foge muito de extremos, seja onde for: política, arte, economia, etc. Por isso encontrar esse jornal foi algo que eu nunca esperei.

**MA:** Esse ponto eu também acho maravilhoso. Se vê política sendo discutida, mas sem atender a nenhuma das polarizações.

**GA:** É o tipo de coisa que eu sequer achava possível. Mas aí o jornal, sem saber que era impossível, foi lá e fez.

**MA:** É verdade. Eu também acho muito xarope ler algo que pende demais para qualquer extremo. Viva o RelevinhO!

**Milton Rezende** Uma consideração: estou sentindo, sei lá, uma perda de rendimento no **RelevO**. Ultimamente tenho sentido uma queda de produção do jornal em termos textuais. A fotografia continua impecável e até melhora a cada número. Acho que falta também vocês darem algum *feedback* aos colaboradores, que imagino muitos. Claro que não podem publicar tudo, mas uma atençãozinha cai bem... mas é apenas um palpite. Vida longa ao **RelevO**.

## EDITORIAL

# Dez anos, logo ali

### CERVEJA POLAR

**Dirceu Armentano** Somente eu que achei o texto da Greicy Pinto Bellin, da edição de julho, estranho? Sei lá, hein...

**Lilian Oliveira** Gostei muito do texto da Greicy Pinto Bellin, perspectiva diferente das coisas, apesar de não concordar com tudo.

**XXXXXXXXXXXX** Aqui iria a carta do assinante que pediu pra não ter o nome e a carta divulgados, mas que já nos comunicou que cancelará a assinatura em dezembro porque não financia jornal que publica esse tipo de texto fascista (na novílingua, publicar é endossar), embora tenha se recusado a responder no próprio jornal – após ser convidado –, pois não pode nos ceder sua iluminação.

**Ludi Evelyn** O **RelevO** certamente teria mais apoiadores se publicasse mais autores e autoras jovens.

*Da redação: Ludi, agradecemos muito ter você como assinante, mas nunca condicionamos a parte editorial à parte financeira. É da nossa natureza separar os dois setores, entendendo, em um acréscimo ligeiro, que ser jovem não é requisito suficiente para publicar em nosso periódico, cômicos que somos de que sempre fomos uma casa de publicação de muitos novos escritores. Apenas a Red Bull pode nos comprar!*

### EDITORIAL DE JULHO

**Fernanda Dante** Quadro lindo e que traduz bem o momento e o espírito atuais.

**Maikon Cassol Scheres** Ficou sensacional essa capa de julho!

**Fernanda Eméri Celuppi** Por essas e outras que valeu a pena a assinatura. O **RelevO** é ótimo.

**Ademir Demarchi** Isso aí, não precisa de palavras com imagem tão contundente! Abraços a todos da redação.

**Lirihá** Vou assinar hoje o periódico, meu sonho como escritora é ser lida. Que um dia eu possa estar nas páginas deste jornal...

**Isadora Nardez** “Ai de mim, se fosse ‘revistar’ aqui quanta revistinha por aí aparece com presunção de literária, artística e científica” (trechinho das *Memórias do Escrivão Isaias Caminha*, do Lima Barreto). Ajudem periódicos literários independentes a sobreviverem às pandemias da vida.

**Diego França** Eu amei esse jornal. Infelizmente não pude continuar com a assinatura, mas vale muito.

**Benilson Antônio Toniolo** A edição de julho está imperdível, com seleção de textos da sempre necessária Alejandra Pizarnik e o assombroso poema “Arrecife dos Navieiros”, de Wander Lourenço. Leitura obrigatória para quem quer aproveitar a pandemia para se empanturrar de boa literatura.

### TRISTEZA NÃO TEM FIM

**Andressa Gomes** O jornal de vocês não faz o meu tipo. Obrigada!

### CORREIOS ANUNCIAM NORMALIDADE (NO UNIVERSO PARALELO CORREIOS)

**Sabrina Nunes** Olá, de acordo com meu marido, que trabalha nos Correios, não há produtos parados ou algo do gênero. Nem no setor de Curitiba e nem aqui, na região da Fazenda Rio Grande. Vou enviar meu endereço de novo, mas, caso meu jornal não venha, pedirei o estorno. Tudo bem?

*Da redação: Sabrina, mandamos os exemplares dos assinantes todo início de mês, no primeiro dia útil. Como pode estar tudo normal se um local a 15 km de onde deixamos os exemplares não entrega um exemplar de 66 gramas em 22 dias pelo sistema específico para impressos? Lamentamos muito. A instituição Correios tira nosso sono, nossa vontade de viver.*

**Mayã Fernandes** Olá, queridos, tudo bem? Mandando uma mensagem pra avisar que ainda não recebi a edição do **RelevO** deste mês. Pode ter acontecido algum atraso nos correios ou alguém decidiu que deveria extraviar meu jornal. Se esse foi o caso, espero que a pessoa tenha aproveitado pra assinar e colaborar com o trabalho de vocês rsrs. Enfim, ficarei de olho e torcendo para que ele chegue nos próximos dias. Caso contrário, *c'est la vie*. Aguardarei o de agosto. Abraços!

*Da redação: Os Correios não merecem os assinantes do RelevO.*

O **RelevO** vive no modo Futuro Próximo.

Você tem em mãos a edição de agosto, em um país com quase cem mil mortes por Covid-19 no currículo. Isso se os Correios não entregarem sua edição só em setembro, aí pode duplicar a estatística: no Brasil, a previsão se chama constatação.

É a última edição antes dos nossos dez anos de publicação.

Estamos às vésperas de completar dez anos de publicação.

Um jornal de papel e de literatura: um jornal de papel e de literatura: no Brasil que lê dois livros e meio por ano; no Brasil que alucina nos extremos da demência político-partidária; no Brasil cujo presidente ergue remédio sem eficácia como Mufasa ergue o Rei Leão. É no Brasil que escritor não lê; é no Brasil que editor não carrega o próprio jornal em eventos. Um Brasil que paga para outros suarem as mãos.

*Porque se chamavam homens  
Também se chamavam sonhos  
E sonhos não envelhecem*

Estamos assim, retroalimentando-nos de datas antes-de, a um passo da pieguice. Estamos assim, repetindo estradas antes-de, consultando o arquivo das edições anteriores, e isso faz tanto tempo. Estamos assim, vendendo assinaturas entre vermífugos e cancelamentos digitais — e quem cancela é quem nos ensina a ser, não? Sorte a nossa, deveríamos dizer. Uma coisa o **RelevO** sempre soube fazer: não ser massa de confirmação.

De fato, nosso disco (disco!) nunca chegou ao lado B. Você, que nos acompanha há mais tempo (olá, Consolação Buzelin, nossa assinante nº 1, nossa primeira assinante de 50 reais!), sabe disso. Nós somos o Só No Sapatinho e o sucesso ‘Só No Sapatinho’, da banda Só No Sapatinho, playlist intitulada Só No Sapatinho. Sabemos que você entendeu. Nós erramos o nome do autor e não publicamos biografias.

Publicamos textos bélicos, textos carinhosos, textos que desolam, textos que antessonham a felicidade, às vezes textos puramente ruins. Publicamos textos que nos fazem rir, textos-Cioran que lamentam a existência mesmo com um amor latente pela vida, textos que pedem passagem sem educação, textos que presentificam Corona, e não a Corona, o que é duplamente fatídico. Em uma década, nós repetimos tanto os erros que, agora, na crise do século, estamos certos — puro suco de antifrágilidade.

Vivemos a fase de embrião, a fase ingênua, os estertores da adolescência, a juventude perigosa... O **RelevO** já bateu o carro e quebrou a clavícula; escondeu cicatrizes; arruinou um documentário porque brigou com a diretora apaixonante; depois veio a crise dos 30, ali por 2016; a derrocada dos impressos de notícias; a ascensão das polaridades. Nos planejamos melhor; fomos incensados, diluídos, cancelados, idolatrados, ressentidos, descontinuados — e é agosto de 2020 em uma pandemia, fila na Caixa Econômica Federal, mil mortes por dia, futebol sem torcida em estádio-UTI, academia-essencial.

A quarentena do **RelevO** é uma cidade-taberna que lamenta a não existência da preparação de uma festa de dez anos, mas somos uma pequena legião que avança contra os prognósticos. Não temos do que reclamar. Acredite em nós: estamos prestes a completar dez anos; é agosto, o mês do malogro, em um país miserável, em um país-bufão; agosto em um Brasil que se apresenta na mais pertinente tristeza de ser quem ele é: e somos um jornal de papel e de literatura, acima dos desterros, sem um centavo de dinheiro público. Um jornal que morde a borda do bitcoin; um jornal que se assemelha a uma cobra de cativo; um jornal que não tem o cabelo do goleiro Cássio.

Uma boa leitura a todos, apesar-de.

# Onde posso encontrar um Jornal RelevO para esboçar um sorriso enquanto leio?

## ACRE

Rio Branco Livraria N&S / Livraria Paim / Estante do Livro

## ALAGOAS

Maceió Casa de Cultura Luso-Brasileira

## AMAPÁ

Macapá Livraria Diniz

## AMAZONAS

### Manaus

Kalena Café  
O Alienigena Acervo e Espaço Cultural / Sebo Edipoeira

## BAHIA

### Salvador

Boto-Cor-de-Rosa / Midialouca / Livraria LDM (Brotas, Glauber Rocha e Shopping Paseo Itaigaral) / Leitura Vale do Aço

### Jacobina

SerTão Livraria & Café

### Juazeiro

Papelaria e Livraria Officium

### Ilhéus

Badauê

### Lauro de Freitas

Livraria Dom Casmurro

### Porto Seguro

O Livreiro de Porto Seguro

### Vitória da Conquista

Livraria LDM / Criativa

## CEARÁ

### Fortaleza

Livraria Lamarca / Sebo Ellenia / Livraria Arte e Ciência / Livraria Silará

### Juazeiro do Norte

Sebo Solaris

## DISTRITO FEDERAL

### Brasília

Banca da Conceição / Livraria, Café e Bistrô Sebinho / Centro de Vivência

Ernesto Cafés Especiais / Rapport Cafés Especiais e Bistrô / Quantocafé / Martinica Café / Vicalli

Caixa Cultural / ONG Moradia e Cidadania / Instituto LGBT / Espaço f/508

### Ceilândia

Jovem de Expressão

## ESPÍRITO SANTO

### Vitória

Torre de Papel / Multilivros Livraria & Papelaria

### Dores do Rio Preto

A Cafeteria

### Guarapari

Banca da Lua

### São Mateus

Livraria Sebo & Arte

## GOIÁS

### Goiânia

Evoê Café Com Livros / Livraria Palavrear / Livraria Leodegária

Café Carino / Ateliê Pizza Café Arte

### Anápolis

Café S/A

## MARANHÃO

São Luís Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro / Sebo Papiro / Livraria Moderna / Livraria Tempo de Ler

## MATO GROSSO

### Cuiabá

Bazar do Livro Matriz / Sebo Rua Antiga / O Chapeteiro Café Sebo / Sebo Raro Ruído

Metade Cheio / Tchã por Discos

### Araputanga

Espaço Gaveta

## MATO GROSSO DO SUL

### Campo Grande

Livraria Le Parote / Livraria Oceano / Maciel

### Dourados

Companhia dos Livros / Canto das Letras

## MINAS GERAIS

### Belo Horizonte

Armazém do Livro / Dona Clara / Livraria da Rua / Sebo Uruntu / Editora UFMG / Quibote / Livraria do Belas

Café do Palácio / Café 104

Espaço Guaja

### Itajubá

Lume Livraria / Sebo Bis

### Juiz de Fora

Livraria Contraponto

### Montes Claros

Conversos Café, Bar e Livraria

### Passa Quatro

Cava Livro

### Poços de Caldas

Travessa Cultural

### Ponte Nova

Banca Palmeiras

### Pouso Alegre

Sebo São Darwin

### Tiradentes

Livraria Café Itatiaia

### Uberlândia

SBS Livraria Internacional

Samsara

## PARÁ

### Belém

Fox Livraria, Café, Papelaria e Locadora de Vídeos / Sebo do Gueto / Livraria e Editora da UFPA

### Santarém

BPP Sebo & Locadora

## PARAÍBA

### João Pessoa

A Budega Arte Café / Livraria do Luiz

Viveiro Pirata / Quintal Armorial / Centro Cultural Espaço Mundo / Usina Cultural Energisa / Centro Cultural Ariano Suassuna

### Cajazeiras

Livraria Universitária CZ

### Campina Grande

Livraria Campinense

## PARANÁ

### Curitiba

Agendarte Livros / Sebo Reteletras / Itiban Comic Shop / Joaquim Livros e Discos / Livraria Arte e Letra / Livraria do Chaim / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Livraria Vertov

Supernova Coffee Roasters / Rause Café / Café Mitre / Café Lisboa / Café do Viajante / Chelsea Café / Café do MON / Magnolia Café / Panificadora Quintessência / Provence Boulangerie / Botanique Café Bar Plantas / Café Avenida / Café Tiramisu / Café do Mercado / Café do Teatro / Kaveh Kanes / Fingen Café / Moto Racer Café / TS Café e Livraria

O Torto Bar / Tuboteca / Freguesia do Livro / Centro Europeu / Baba Salim / Kikos Bar / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pública do Paraná / Selvática Ações Artísticas / SESC da Esquina / Paço da Liberdade

Apucarana

SESC Apucarana

### Araucária

Banca da Aracy

Duetto Café

Casa Eliseu Voronkoff / Porão do Cavalo Baio

### Caibabá

SESC Caibabá

### Campo Largo

Barba Camisetas / Inspiarte

### Cornélio Procopio

SESC Cornélio Procopio

### Foz do Iguaçu

SESC Foz do Iguaçu

### Francisco Beltrão

SESC Francisco Beltrão

### Guarapuava

Gato Preto Discos e Livros / A Página Livraria

SESC Guarapuava

### Ivaiporã

SESC Ivaiporã

## Jacarezinho

SESC Jacarezinho

## Lapa

Livraria & Papelaria Nanise

Panificadora Zeni

## Londrina

Livraria da Silvia / Nosso Sebo / EDUEL

SESC Londrina (Cadelão e Centro)

## Maringá

Café Literário

## Medianeira

SESC Medianeira

## Morretes

Café e Restaurante

## Pato Branco

Alexandria Livraria e Cafeteria

SESC Pato Branco

## Ponta Grossa

Verbo Livraria / Sebo Espaço Cultural I e II

Hostel Paraná / Phono Pub / Frederico Cervejas & Cervejas

## São José dos Pinhais

Sebo da Visconde

## São Mateus do Sul

Vitirs & Cia

## Toledo

Livraria Baluarte

## Umuarama

SESC Umuarama

## PERNAMBUCO

### Recife

Livraria Praça de Casa Forte / Livraria Ideia Fixa / Varejão do Estudante / Banca Guararapes

Clandestino Café / Borsol Café Clube - PINA / Borsol Café Clube - CALIFORNIA / A Vida É Bela Café / Malakoff Café / Brigadeiro Café

### Caruaru

Banca Terceiro Mundo

### Garanhuns

Livraria Casa Café

### Olinda

Sebo Casa Azul / Banca Circular

### Salgueiro

Capabella Sebo

### Teresina

Café da Gota Serena / Café Art Bar / Entreviros

## PIAUI

### Rio de Janeiro

Belle Époque Discos e Livros / Livraria Leonardo da Vinci / Books Livraria / Livraria Argumento Leblon / Livraria Argumento Rio Design Barra / Livraria Beco das Letras / Arlequim / Letra Viva Filial / Livraria Berinjela / Livraria e Edições Folha Seca / Banca do André / Livraria da Editora UFRJ / Banca dos Advogados

### Café Pingado

Espaço Saracura / Cine Jóia / Casa Contexto

### Araruama

Livraria Castro Alves

### Cabo Frio

Sebo do Lanati / O Sebo Antigo

### Mesquita

Sebolinha Livros e Revistas

### Nova Friburgo

Sabor de Lettura / Arabesco Livraria e Papelaria

### Nova Iguaçu

Degani Livraria, Donuts e Café

### Paraty

Livraria de Paraty

Teatro Espaço / Casa da Cultura de Paraty

### Petrópolis

Livraria e Bistrô de Itaipava

### Sant'Anna

Canto Geral Livros e Discos

### Três Rios

Livraria Favorita

## RIO GRANDE DO NORTE

### Natal

Sebo Café / Cooperativa Cultural Univ. do RN

### Mossoró

Resebo

### Praia da Pipa

Book Shop

## RIO GRANDE DO SUL

### Porto Alegre

Cirkula / Livraria Bamboletas / Livraria Baleia / Livraria Raizes / Livraria Taverna / Traça Livraria

Café Cartum / Bouquiniste Café & Livros

Galeria Hipotética

### Bento Gonçalves

Dom Quixote Livraria & Cafeteria / Papparazzi

### Canela

Empório Canela

### Caxias do Sul

Do Arco da Velha Livraria & Café

Dulce Amore Café & Algo Mais

### Frederico Westphalen

Vitrola

### Lajeado

Livraria do Vale

### Pelotas

Livraria Vanguarda

### Santa Maria

Athena Livraria (Floriano e Praça Nova) / Anaterla Livros / CESMA

### São Francisco de Paula

Miragem Livraria

### Venâncio Aires

Castelo Livraria & Café

## RONDÔNIA

### Porto Velho

Magda Livros / Livraria Central / NovaLetra Livros, Testes & Cursos

## RORAIMA

Boa Vista Lápis na Mão

## SANTA CATARINA

### Florianópolis

Letraria / Livraria Livros & Livros

Café Cultura Lagoa da Conceição / Café Cultura Primavera / Café Cultura Shopping Iguatemi / Café Cultura Multi Open Shopping / Café Cultura Aeroporto Hercílio Luz

Tralharía

### Balneário Camboriú

Santo Livro Livraria e Bookstore

Café Cultura Balneário Shopping

### Blumenau

Livraria Bluivro

### Brusque

Livraria Saber

### Caçador

Livraria Selva

### Chapecó

Humana Sebo & Livraria

### Criciúma

Café Cultura Nações Shopping / Café Cultura Metropolitan Business Center

### Livraria Fátima

### Joinville

Salvador Vegan Café, Livros e Discos

### Mafra

Casa 97

Restaurante Amora Sustentável

### Morro da Fumaça

Livraria Beco Diagonal

### Porto União

Livraria do Porto

### São Bento do Sul

Dom Quixote Livros

### São José

Sebo Ilha das Letras

Café Cultura Continente Shopping

### Tubarão

Libretto Livraria

Café Cultura Farol Shopping

## SÃO PAULO

### São Paulo

## Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

<b>Pará</b>	Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
Belém	
Ananindeua	Biblioteca Comunitária Moara
<b>Maranhão</b>	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
São Luis	
<b>Ceará</b>	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leonidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Cambaio de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura Biblioteca Livre Curió
Fortaleza	
S. G. do Amarante	Biblioteca Comunitária Literateca
<b>Pernambuco</b>	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma
Recife	
Jaboatão dos Guararapes	Biblioteca Comunitária do Peró
Olinda	Biblioteca Multicultural Nascedouro Biblioteca Comunitária Lar Meimeiro
<b>Bahia</b>	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Italo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Alfonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
Salvador	
<b>Minas Gerais</b>	Biblioteca Comunitária Livro Aberto
Estado Horizonte	
Betim	Biblioteca Comunitária Professor Arindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro
Sta. Luzia	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
Sabará	Borrachalioteca
<b>Rio de Janeiro</b>	Biblioteca Comunitária Wagner Vinício Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Elias José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo
Rio de Janeiro	
Duque de Caxias	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANN'S Espaço Literário Balaio de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Othar Cultural Biblioteca Comunitária Prof Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues
Paraty	Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Itema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
<b>São Paulo</b>	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
São Paulo	
Guarathos	Biblioteca Comunitária Picadeiro da Leitura
Mauá	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL
<b>Rio Grande do Sul</b>	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Arvoredo Biblioteca Comunitária Ceprimoteca Biblioteca Comunitária Chocolateiro Biblioteca Comunitária Cirandar Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal
Porto Alegre	
<b>Dist. Federal</b>	Biblioteca Escolar e Comunitária da EQS 108/308
Brasília	

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?

ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

# OMBUDSMAN

## Sandro Moser

### Cachoeira de aguardente

Há coisas boas e coisas novas para contar. Nosso problema é que as coisas boas não são novas e as coisas novas não são boas, como na anedota. Deste último grupo de notícias, cabe dizer que a partir de hoje me cabe ocupar este excelso espaço. Uma responsabilidade mais pesada do que meus joelhos podem aguentar.

Há apenas dois outros colegas na mesma função no país e, diante da contramarcha dos acontecimentos, não será surpresa se um ou dois de nós formos extintos em breve. Aquele que escapar será guardião de uma língua morta, o “papagaio de Humboldt” dos suplementos literários.

A parte em que a coisa melhora — e aposto uma garrafa — é que o sobrevivente será o titular deste espaço, visto que a crise não nos alcança, pois estamos duas jogadas à sua frente, e meu ombudsmanato dura o tempo máximo de uma gestação humana saudável.

Meu publisher pede que me apresente, me fazendo encarar, aos calafrios, minha medíocre pusilanidade. Hoje quando me acusam da minha antiga profissão, devolvo o insulto: “Jornalista é você!” e como não quero que minha outra ocupação indefensável se espalhe por aí, me calo.

Me parece mais importante contar que nasci numa minúscula cidade no extremo-sul do Paraná, Porto Vitória, local mágico onde a principal atividade é beber aguardente de Juniperus admirando a cachoeira. Este torpor contemplativo é o sentimento de plenitude utópica que busco em todas as coisas desde que fui arrancado daquele paraíso pelas forças do capitalismo tardio e que, às vezes, a leitura poética me devolve.

Neste sentido, apenas, talvez reúna as condições objetivas para representar os leitores invulgares deste **Relevo** que se espalham pelo país todo como uma mancha epidemiológica, mas que, na verdade, são zés-pilntras usando as frestas de luz desta treva hirsuta para tentar seus dribles.

Gastei tanto espaço falando de meu medos e quase não sobrou tempo para dizer que me emocionou ver na página central do nosso caderno a marquise derrubada do velho Maracanã e, como bom argentinófilo, afirmo que toda poesia platense ou patagônia me comove como o diabo.

Hoje vou assoprar e assim dizer que morte, izakayas e alucinações são temas que pedem mesmo grave reflexão. Prometo também morder e, afinal, a montanha dará à luz uma ninhada de ratos albinos.



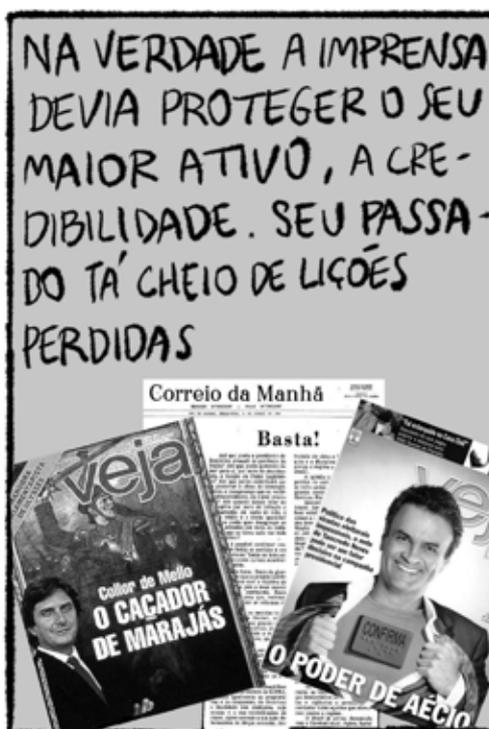
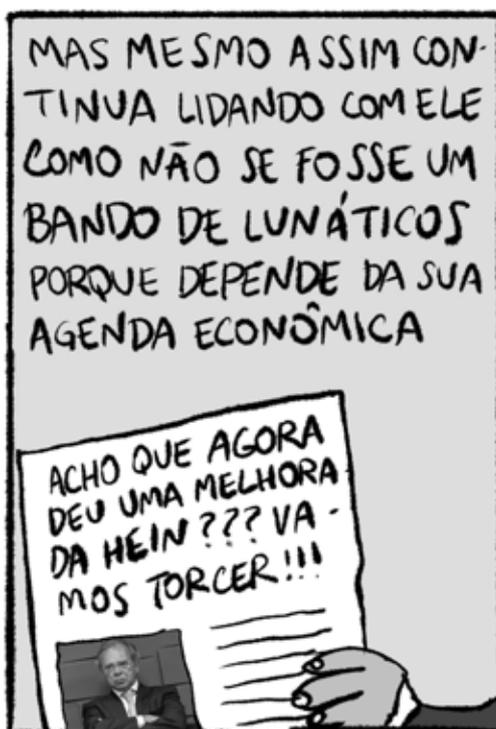
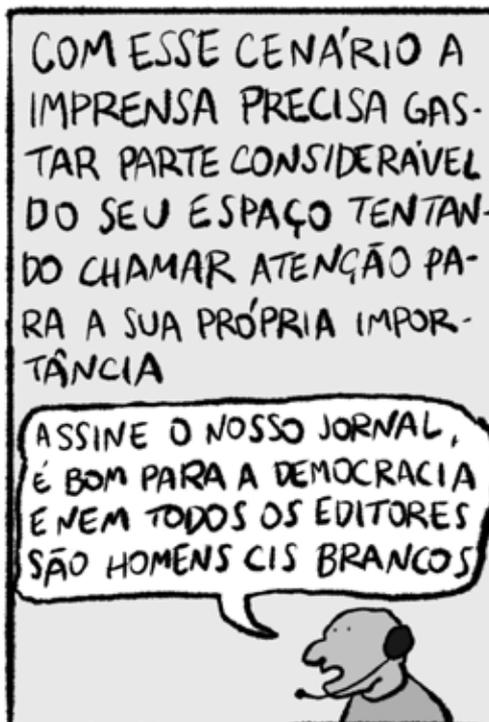
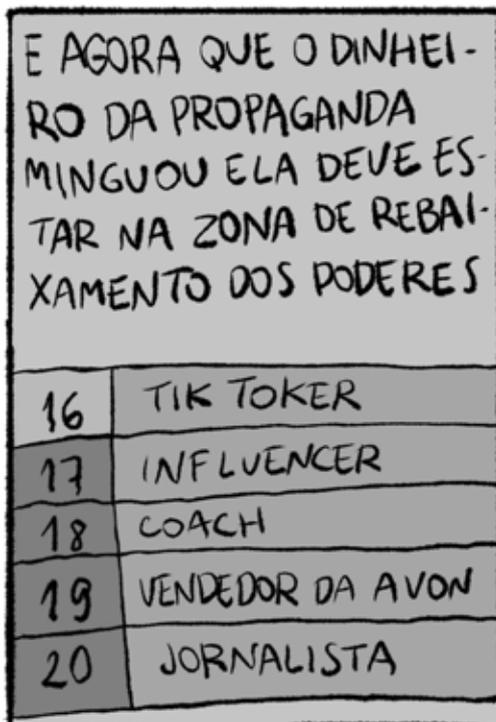
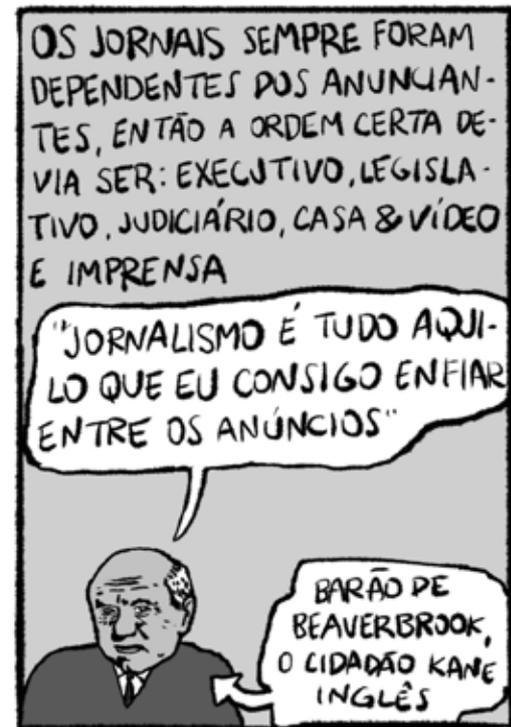
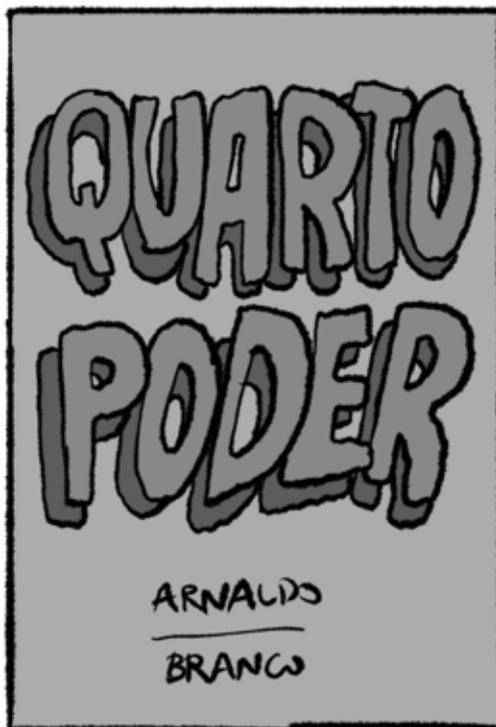
## TRÊS SÓIS

WILLIAM SOARES  
DOS SANTOS

ED. PATUÁ

“Com efeito, o livro, dividido em cinco partes, todas abrindo com sugestivas ilustrações e epígrafes de autores consagrados, da antiguidade aos nossos dias, tece uma espécie de arco, que vai do registro de um fenômeno meteorológico inusitado, que ocorre em regiões nórdicas, ao registro inquietante do próprio fenômeno poético, “sem pano para esfinge,/sem sombra alheia”. Diante da envergadura desse arco de estranhezas, o autor confessa que “a poesia que escrevo agora/quer apenas/a claridade dos espaços”.”

Adriano Espínola



SÍNDROME DE GAME OVER .....\*  
 .....  
 persigo os desvios de meus meandros privati-  
 vos, deglutindo indiscriminadamente ambíguas  
 pílulas farmoquímicas (que simplesmente me  
 impedem de desistir); sigo fugindo em frene-  
 si enquanto recrio, diante de mim, os obstá-  
 culos como fantasmas de mil traumas irresol-  
 vidos, submetido, ao dobrar de esquinas, à ira  
 de sua investida contra mim; são paredes bran-  
 cas e finas que não terminam, e as passagens  
 secretas espalhadas nos quatro cantos apenas  
 me trazem de volta à fantasia desse cárcere  
 que vibra em cores tão vivas, entre ícones de  
 pixels tão simples e compreensíveis, que ju-  
 raria estar atado a um joystick, num labirin-  
 to em vídeo, indo, ao som estridente, entre-  
 mente, da sirene intermitente .....;  
 desde os anos 80 - menino -, suspeito disso,  
 Sr. Toru Iwatami,...mago da Namco & do jogo:

WATASHI...WA  
 C'EST...MOI  
 ELE.SOU..EU:  
 .....  
 ESTE.PAC-MAN  
 .....  
 ....., I AM



O JOGO PAC-MAN FEZ ANIVERSÁRIO  
 DE 40 ANOS NO DIA 22.05.2020

\* \* \*

/// TETRIS - EXTREMIS ///

saber o próprio contorno, outrora sob controle, estourado em tantos bólidos transitando, indistinguíveis do todo (como, por exemplo, num corpo: o úmero sem o ombro, o crânio sem o pescoço, ou um espírito sem o dono à dor de um sem o outro);

agora as células que sentimos na vertigem estão em queda livre; são dominós imperfeitos - apenas parcialmente afeitos -, cumprindo uma espécie de êxodo por dentro, atraídos ao solo (sem domínio), pela gravidade de Newton ou por qualquer oxímoro, jamais previsto pelo ímpeto de jovens físicos,

entretanto ao aceitarmos tal excêntrico destino (mosaico impossível) - nesta armadilha interna de signos ou caixa de zinco, jazemos impassivos, pouco a pouco e inapropriadamente destituídos dos nossos registros mais íntegros -,

ao recompôr em puzzle, de novo e de novo o revoltoso equilíbrio, de ciclos dinâmicos que a cada nível vão se complicando [neste jogo de blocos, difícilíssimo] - ante o esforço sôfrego e forçoso de acoplar às partes recombináveis, pelas reentrâncias anatômicas de seus recôncavos, algo que, em retorno, nunca estará integralmente pronto ou recomposto (daí nos sentirmos um tipo desatomizado de monstro, feito refém dalgum plano tormentoso, o tétrico sequestro nalgum setor extremo do universo, onde toda a matéria se reveste só de elétrons);

resta vivermos assim (por instinto ou por um triz), caindo em si a cada próximo ponto do cronômetro, sofrendo estranhos desmaios nos encontros, instigados e intrigados ante o hiato de nos completarmos (ou de enquadrar aos módulos análogos o mesmo esquadro, ímprobo, pobre, esquálido, degastado);

eis como somos (todos), esquecidos dos próprios moldes, explodindo-nos em blocos sólidos (ainda que moles), nossos ossos exóticos caindo do céu contra o solo, apostando já no fracasso, desde o primeiro átomo jogado ao acharmos no mesmo âmbito o plano igual em que nos encontrávamos;

e acaso jamais consigamos irmo-nos remontando (para recuperar desde o âmago apenas surfando o relâmpago), seremos a ávida cascata de pedras geométricas, em queda de encontro à perda, as margens iguais de TETRIS ligadas em todas as telas sobre os nossos olhos & cérebros, entregues tão só ao reino do sono mais decisivo, do decesso, do descrédito, onde todos os protótipos do POP, outrora em órbitas próprias, encontram no agora tão somente o pó da História (a cultura morta), o derradeiro terreno do consenso, deletério, o mesmíssimo & velho império, inglório & eterno, de todo & qualquer

//// GAME OVER ////



## 4. Publicização

### Algum Lucas

Tal qual a palavra dogma somente assume conotação positiva no discurso religioso, a hibridização costuma ser bem quista no âmbito das vanguardas — e não somente e necessariamente artísticas, neste caso. Carros híbridos, hibridização midiática, hibridismos biológicos são todos termos empregados positivamente para denotar avanços técnicos ou humanitários.

O problema aí inerente, porém, é que o hibridismo, no âmbito de um aparelho de consumo, incorre impreterivelmente no que hoje chamam de marketing de conteúdo. Mas, para falar disto, tomo a rota sinuosa dos exemplos artísticos antes de alcançar o destino final.

A música mostra-se uma das, se não a, mais ubíqua forma de arte no mundo contemporâneo. Com os celulares capazes de reproduzi-la incessantemente e em qualquer lugar, a música faz-se presente no cotidiano da maior parte das pessoas — e não o faz como prática de engajamento social *latu sensu* como o fora um dia, mas como produto perspectivista cientificamente construído para ser consumido de maneira específica por um público-alvo já não tão específico assim.

A adolescente que ouve frequentemente — e desculpo-me já de início pelos exemplos fadados à datação instantânea — “you don't know you're beautiful”, “ninguém vai ser feliz sem ser amado” ou “I'm in love with the shape of you” apenas pode desejar uma coisa, e ela é um produto chamado amor. Este, entretanto, vale observar, não fora descrito nas letras senão como aquilo que ninguém é capaz de explicar. As frases genéricas que dizem à garota

que ela é perfeita exatamente do jeito que ela é (qual?), e que esse jeito que ela tem de ser exatamente do jeitinho que ela é, apaixonante e especial — tudo isso é o produto: é a narrativa que se expõe à venda.

Agora, o que isso teria a ver com a hibridização midiática? A música aqui referida é pensada sempre em conjunto não apenas com os seus vídeos, mas também com a marca do artista, sua identidade visual e sua persona. A adolescente hipotética consome, junto à música, a ideia, a personagem cantante que deve ser sempre carismática — seja ao oferecer uma perspectiva desprivilegiada ou, como é de praxe, ao oferecer um prato cheio aos olhos dos espectadores. Não é à toa que os idols coreanos submetem-se a tantas cirurgias plásticas.

Em última instância, enfim, o que se consome é o próprio desejo, enfeitado e narrativizado como arte: vende-se sexo. E não o digo na leviandade que seria desconsiderar as músicas de amor romântico ou a música clássica — esta, é claro, não é a música de que se fala aqui, em especial por ser hoje muitas vezes consumida basicamente como forma de diferenciar-se da massa. Mas as músicas de amor, e este é um argumento que se possa talvez generalizar, vendem também um desejo narrativizado.

E é aí que a hibridização acontece: a narrativização do desejo na música é orquestrada magistralmente no vídeo. A batida evoca o êxtase e mantém a atenção com ganchos constantes a cada oito segundos, cronometrados, enquanto o ecrã de LED desvela uma narrativa nos termos genericamente idiossincráticos do artista em questão. O conflito, seja ele

amoroso ou de conquistas pessoais, não é senão a narrativização do desejo — o que diversos psicanalistas chamariam por diversos nomes diferentes para referenciar diversas sensações que se põem abaixo do guarda-chuva temático aqui empregado, o do desejo.

Piadas sem graça à parte, o problema é sério e perde a pouca graça que nele se pode encontrar quando o marketing de conteúdo entra em jogo. E mais: quando explicita-se, sem medo algum, que o produto é o próprio consumo.

Mais e mais redatores são contratados para criação de conteúdo digital com foco em estratégias de SEO (Search Engine Optimization) e marketing de conteúdo, ou seja: esta nova profissão consiste em arquitetar postagens em sites de qualquer que seja a área — culinária, “estilo de vida”, tecnologia, marketing — com o único propósito de gerar engajamentos com a marca. A substância das matérias passa a ter importância secundária perante o verdadeiro objetivo da marca que as publica: ser consumida. Deste modo, uma postagem sobre marketing de conteúdo gera um loop retroalimentício de conteúdos que são, em essência, o próprio objeto de consumo.

À parte, no quesito da redação digital, as condições de trabalho equiparáveis às dos motoristas de aplicativos — “autônomos” mediados por uma plataforma virtual que se responsabiliza apenas pelo contato entre cliente e prestador de serviço (até que, enfim, desenvolva e dissemine a tecnologia de carros autoguiados) —, a redação digital se funda em duas estratégias codependentes: a ideia de um funil

de vendas (ou funil de marketing de conteúdo) e *lead magnets*. Estes servem literalmente como engodos que introjetam — ainda literal, mas também psicanaliticamente — o consumidor no funil de marketing de conteúdo que, então, funciona muito mais como um moedor do que como funil propriamente dito.

Um exemplo é este: crio uma empresa de marketing voltada ao ensino desta nobre matéria em plataformas digitais. Para disseminar corretamente meus *lead magnets*, então, defino a persona — não um público-alvo — de minha empresa como “Vitor, 30 anos de idade, classe B, sem filhos, gosta de bla bla bla, sonha ble ble ble, etc.” Daí, construo minha estratégia de marketing seguindo as etapas do funil: 1. ser encontrado pelo Vitor; 2. ganhar a confiança do Vitor; 3. fazer uma oferta (em forma de sugestão inocente) ao meu querido amigo Vitor. E o que vendo a ele, finalmente, não é senão o meu curso de marketing de conteúdo, que o ensinará a aplicar todas as estratégias que empreguei para torná-lo meu cliente, de modo que Vitor possa agora aplicá-las tanto em seu blog pessoal de estilo de vida quanto em seu trabalho num *job* para uma startup de *microbrewing gear*.

E tenho ciência de correr o risco de soar meramente amargurado com as artimanhas maquiavélicas da máquina capitalista. O fato é que tudo isto é tecnicamente orquestrado de modo que fica quase impossível existir sem ser influenciado por alguma dessas estratégias ou mídias. Este próprio ensaio, que pertence a um projeto de livro, se publicado, estará para sempre sujeito a uma lógica de mercado, justamente porque, mesmo que eu

tivesse os recursos para publicá-lo e divulgá-lo gratuitamente, seja em primeira ou última instância, tanto uma gráfica quanto uma plataforma de divulgação virtual seriam requeridas para a façanha.

O interessante é que, nos meandros deste xeque em que nos pôs o mercado, nossos únicos movimentos possíveis são a assimilação com a máquina e a tomada de consciência. E esta percepção nos revela algo demasiadamente curioso: eles também, e no caso do marketing de conteúdo literalmente, dependem do ser vistos para existir.

Não espere de mim, todavia, algo do tipo “o poder está em nossas mãos!”. Não creio que esteja, nem nos ciclos intelectuais e muito menos no grande escopo da existência mundial mediada por smartphones e redes sociais. Simular virtualmente as relações interpessoais as destitui da materialidade inerente ao ser humano. A família, o Estado e maneiras de coexistir em sociedade devêm estruturas inadequadas a esta experiência humana e, como se observa inclusive nos mais bem-intencionados movimentos políticos, a agonia de Eros é que até o sexo devêm relação de consumo e poder — e nada mais.

Há exemplos curiosos de enfrentamento com “a máquina” à qual me refiro. No Brasil, Roberto Marinho, que “abandonara a sociedade” e passou a viver na rua, quase como guru social. Na internet

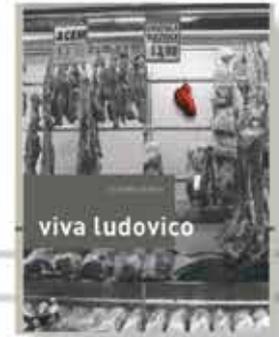
— ou seja: no mundo —, diversas webcelebridades que vivem de compartilhar com seu público suas vidas livres e nômades, desatreladas das amarras sociais que tanto afligem seus apaixonados seguidores, ainda aprisionados às cadeiras de escritório (“mas logo a vida vai mudar!”). E não me refiro a nada disso com tom cínico, por mais que a esta altura já seja difícil acreditar que não. Dos exemplos que cito, não questiono a legitimidade, nem sequer pondero a respeito de suas idoneidades ou coisa parecida. Nada do que digo aqui presume que haja ou não forma de sociedade mais adequada ou conveniente à espécie humana do que esta em que nos inserimos contemporaneamente. Mantenho-me aquém de um salto de fé e admiro todo aquele que detém convicção.

Não posso deixar de explicitar, contudo, a ironia inerente ao ato de abandonar as “posses materiais” e fetichistas da “máquina” (o que, ainda mais ironicamente, não inclui câmeras, smartphones e laptops de última geração com acesso à internet via satélite) para conspurcar a própria vida em forma de produto cultural, imaterial, virtual — aqui, tanto no sentido de digital quanto no de vida-em-potência, mas ainda não vida e, sim, produto.

Adentro o campo semântico do sacro por saber que é questão interpretativa a denominação que imprimo nessas vivências-simulacro: pode-se partir de um princípio diverso e afirmar que a vida é

louvada, sacralizada ao manifestar-se digitalmente a um público cativo que nela crê e para ela vive. Fazê-lo, contudo, seria admiti-lo em detrimento da realidade de que a população sofre cada vez mais de aflições mentais — e isso sem nem ainda levar em consideração (ou continuando sem levar em consideração) a subpopulação afligida pela fome, por falta de saneamento básico, violência, indignidade.

Cabe levar daqui, por fim, a dúvida: “que há no vão entre o paralelo composto por aquilo que consumo e aquilo de mim que produzo para ser consumido?”. E ainda mais prosaicamente: “eu, como sujeito que pondera sobre as coisas, sou — da maneira que vivo agora — porque pondero ou porque sou visto ponderar?”. Mais do que qualquer outra coisa, então, é mais preciso do que nunca começar do começo e, mais do que “sou?”, perguntar-se: já fui?



### Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)



ESTADO DA CORDA SOL QUANDO SE EXAGERA NA TENSÃO



LEONARDO TEIXEIRA  
Liberdade Cativoiro

**Estado da Corda Sol Quando se Exagera na Tensão**  
de Érika Batista

**Liberdade Cativoiro**  
de Leonardo Teixeira

15 anos



ipê amarelo

**PROMOÇÃO DE ANIVERSÁRIO**

**R\$ 25**  
FRETE GRÁTIS

use o código para o cupom de desconto: RELEVO

[www.editoraipemarelo.com.br](http://www.editoraipemarelo.com.br)

# O jeep verde que a tia Nora caiu da janela

Julia de Cunto

Toda vez que está calor  
e vejo um jeep verde  
lembro daquelas pernas  
caindo para fora

tia Nora  
não usava cinto  
quando minha mãe  
fez a curva fechada  
na rotatória.

Caiu no gramado  
não quebrou nada  
eu sentada no banco de trás  
estática, paralisada  
olhando aquela cena  
ouvindo aquele grito de ópera  
Ooooooooooh

Não quebrou nada não sei como  
porque sei que se quebrou muito depois  
em escadas e tapetes

mas no jeep verde  
sem as portas e sem o cinto  
só me botou medo  
de que eu fosse a próxima  
a voar também



# Baco

Alexandra Vieira de Almeida

*Poema integrante do livro A negra cor das palavras (Penalux, 2019)*

O vinho tinto da noite sã  
atirava seres para a glória do mundo  
No erotismo ácido das estrelas  
colho o sumo da terra negra

Os cabelos soltos pressagiam um naufrágio  
As páginas ainda estão molhadas de sono  
É necessário o subterfúgio do prazer  
que coloca a dor no seu verdadeiro lugar mundano

A aventura da escrita  
é percorrer as pupilas negras da noite  
e acobertar os corpos  
no abrasamento das chamas

Baco, diga-me  
se nesta noite vaga  
vaga a lua em meu peito inerte  
se a cor noturna engrandece  
os poetas na sua viagem rumo ao mistério.



QUER CONHECER UM POUCO DA LITERATURA PRODUZIDA NO NORTE DO BRASIL?

A **LIVRARIA PARÁ.GRAFO** É ESPECIALIZADA EM ESCRITORES E ESCRITORAS PARAENSES.

[WWW.E-PARAGRAFO.COM.BR](http://WWW.E-PARAGRAFO.COM.BR)

# Casa CorNo 2020 aposta em azul-Tiffany, detetive particular e até moda em nova edição

*Maior evento de decoração, infidelidade e falta de foco do Brasil divulga programação de “quarentena” que, se for cancelada, qualquer coisa é via Zoom mesmo e foda-se, mesmo valor do ingresso presencial*

De 14 a 21 de agosto, entre o meio e o fim do Brasil, Gramado (RiSo) abrigará, com exclusividade e típicos alcances estéticos, a Casa CorNo, maior evento de arquitetura, pose travestida de conhecimentos e problemas conjugais do Brasil. “Será o grande evento que unirá todas as tribos e as nossas paranoias de estimação, desde o maníaco-depressivo viciado em azul-piscina ao corno legítimo, que naturalmente não prestigiará o evento por desconhecimento do evento”, define Beny The Benny, mais conhecido como Beninho, organizador da Casa CorNo 2020 pelo segundo ano consecutivo, três vezes traído (uma vez se vestiu com duas samambaias-azuis, uma na cabeça, a outra na cueca: “Eu que terminei com ele”).

A Casa CorNo 2020 trará nada mais, nada menos que o espírito do tempo em forma de cor e DR. “Adianto em primeira mão: a cor do ano é o azul-Tiffany. Na verdade, todos sabem, menos quem está trabalhando e acha que o marido também está”, alega Beninho, um pouco amargurado, apesar de um sorriso singelo, vestido com uma camisa da Tiffany por cima de uma camisa de Grêmio. “Renato Gaúcho é o que chamamos de... gato, bah, que gato”, alega, tímido. “Eu fazia o Coudet, o técnico de Inter lá”, acrescenta. “Sou apartidário e usa cloroquina quem quer”.

O organizador afirma que haverá 69+1 espaços temáticos distribuídos pelo Parque Terra Mágica Florybal, considerado por muitos o melhor Parque Terra Mágica Florybal do mundo. A atração, além do característico toque *creepy*, é possivelmente traumática para crianças entre 5 e 30 anos. “Ajuda na formação de caráter. E pense bem: chocolate, dinossauro, simulador de montanha-russa, desgaste no relacionamento e

moda somente para quem tem *um pouco* de dinheiro sobrando: estes são os conceitos que queremos transmitir ao nosso público, a nossa fórmula do sucesso”.

Além do Parque Terra Mágica, o evento trará o mesmo casarão histórico de 2019, agora remodelado, que será fixado em frente à rodovia, atrapalhando apenas quem acha *inusual* uma cidade gaúcha ter um restaurante exclusivo com temática de Harry Potter. O casarão, datado da década de 1930 e construído em 2007, terá três espaços VIP, respectivamente chamados de Sala de Receber, Sala de Ficar Um Pouco e Sala de Mandar Embora, com as últimas tendências em arquitetura (madeira com leves toques de cupim), design de interiores (pebolim) e paisagismo (samambaia-azul). A Sala de Sonhar, sucesso na edição passada, foi cancelada por motivo de *desligamento hospitalar* do marceneiro durante as instalações. Ainda assim, antes do último AVC, Gilson Oliveira conseguiu entregar o primeiro capacho de fibra de coco e madeira tailandesa de reflorestamento do mundo, também o único com acesso ao Spotify e NuConta embutida, para passar o capacho no convênio com o Posto Ipiranga.

“A exposição foi montada em pouco mais de um mês, um trabalho que envolveu 666 arquitetos e mais de 80 profissionais parceiros, com uma pessoa montando tudo”, esclarece Carlinha Gomes, franqueada da Casa CorNo no país Rio Grande do Sul. “Que Deus salve e guarde o Gilsão...”, suspira. O circuito assinado por Márcio Santos e Mauro Silva contará com piscina de bolinhas, estudos aprofundados de linguagem dos ambientes azuis e detetive particular a preço de custo. Trata-se do notório Edgar Zulu, capixaba pouco apessoado

que não aceitou dar entrevistas à reportagem por motivo de conflito de interesses — o editor da presente publicação recentemente se separou, faltando resolver umas pendências que não vêm ao caso.

Se o azul-Tiffany é a cor da Casa CorNo, o tema da edição não poderia ser outro: “Planeta em Casa”, que evidencia o lar como universo particular de cada indivíduo, portanto pior-melhor lugar do mundo depois da Sala de Mandar Embora e de qualquer cobertura esportiva local de um Gre-Nal. O espaço conta com as melhores narrações da Rádio Guaíba e com um repertório vasto de danças típicas do mau gosto do turista estrangeiro.

## TRASH TALK

Um painel de J.Lô Borges é um dos destaques da Sala de Receber. O renomado artista pernambucano cedeu seus descArtes à Casa CorNo 2020 sob a condição exclusiva de não ter seu nome divulgado ou até mesmo lembrado. O enorme painel de lixo amontoado, cheirando à pior pocilga que o leitor possa imaginar, apresenta a tendência do conceito de reciclagem. “Estamos muito tristes com o que está sendo feito na Amazônia”, alega Beninho, enquanto destaca as páginas centrais do **RelevO** para forrar o vaso de uma linda azaléia florida.

Estreando na CasaCorNo Gramado, a curitibana Carolina Assunção, a Lilica, criou a Sala de Estudos em Casal. A profissional abriu escritório em Recife este ano e busca equilibrar o estilo paranaense de decorar com as principais referências gaúchas, como CTG e Armandinho. “Por que não colocar granulado na bombacha? Qual o problema de andar pilchado e com boné? Quem disse que não pode ficar de chapéu em espaço

fechado? Acho que a mistura é algo muito interessante”, comenta. “Nosso espaço reconfigura a ideia de trabalhar lado a lado na mesa da cozinha em tempos de quarentena. Queremos mostrar como dá pra ser elegante no ódio compartilhado”.

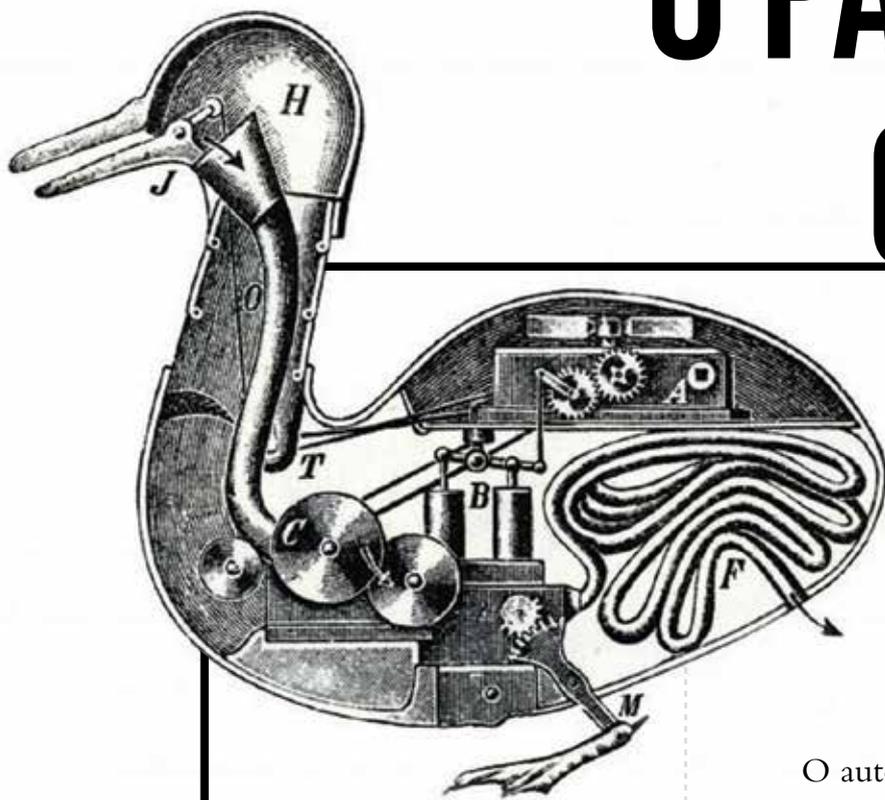
Às vésperas do início do evento, Beninho não se mostra preocupado com um possível cancelamento do evento presencial em virtude das altas médias de morte no Brasil por coronavírus (ou porque é simplesmente estúpido organizar qualquer coisa enquanto o país está numa merda). “Como diz aquela música, vestiu azul e a sorte então mudou rsrs... Com todo respeito aos familiares que perderam parentes queridos rsrs na pandemia. São 12 mil mortes, né, gente, tem que respeitar...”, se entristece o organizador. Alertado pela reportagem sobre a marca um pouco maior de mortes, Beninho desaba: “Quanta gente nunca mais vai ver um Gre-Nal... Mas bola pra frente, vamos fazer esse evento é para os mortos e para os que vão morrer!”, encerra em tom de esperança.

## SERVIÇO

A CasaCorNo poderá ser visitada presencialmente ou online (não se sabe) de terça a sexta-feira, das 16h às 22h; aos sábados, das 13h às 22h; domingos e feriados, das 13h às 21h. Os ingressos, sem estorno, custam R\$ 500, R\$ 250 (meia-entrada) e R\$ 30 para quem for marceneiro e aceitar dar uma mão numas coisas que faltam limpar e pintar. Gratuito para fãs de Harry Potter, do William Pottker, de Pol Pot, do príncipe Harry, de Thierry Henry, de Henry James, de LeBron James e do palhaço Arrelia.



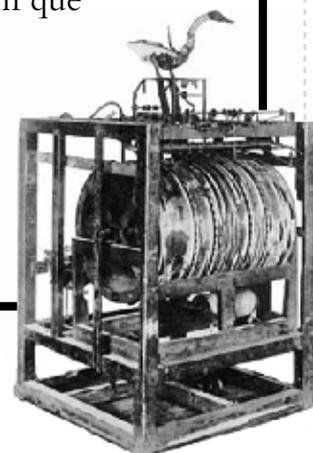
# O PATO AUTÔMATO QUE DEFECAVA



Os autômatos – engenhocas mecânicas programadas para reproduzir certos movimentos ou sons – foram, nos séculos 18 e 19, uma das grandes fontes de entretenimento na Europa, com teatros e numerosos shows dedicados à apreciação desses “proto-robôs”.

O autômato mais célebre de sua época foi certamente o Pato de Vaucanson. Construído em 1739 pelo artista francês Jacques de Vaucanson, o maquinário era extremamente complexo: mais de 400 peças móveis compunham cada asa da ave, que podia fazer movimentos de voo, tomar água, comer, e o mais importante: defecar! Sim, seu grande trunfo era digerir instantaneamente os grãos de milho que entravam por seu bico e excretá-los pela cloaca. O público se rendeu instantaneamente a esse simulacro impressionante da vida animal. Entre seus numerosos fãs estavam os escritores Goethe e Voltaire, este último chegando a afirmar que “sem o pato de Vaucanson, não haveria nada para nos lembrar da glória da França”. Como na maioria da obra do francês, fica a critério do leitor reconhecer ou não um certo sarcasmo na frase.

Eventualmente, o segredo da gloriosa máquina foi descoberto. Tratava-se de um truque bastante simples: as fezes do animal eram na verdade pedaços de pão colorido de verde que ficavam em uma câmara separada dentro do seu corpo, sendo eliminados assim que o milho fosse ingerido. Não menos apreciado, o pato continuou encantando seus admiradores até ser transferido a um museu em Cracóvia, onde foi destruído por um incêndio em 1889.



# Um Cioran light, *Si`l Vous Plâit!*

Marcelo Alcaraz

Nascido na Romênia e residindo boa parte de sua vida em Paris, Emil Cioran foi um grande ensaísta e filósofo. Publicado inicialmente no Brasil pela editora Rocco, tem, entres seus escritos, pérolas como *O silogismo da Amargura e Breviário da Decomposição*, textos em que o pessimismo e a desesperança são elementos importantes, e devem ser compreendidos a partir da história pessoal e principalmente da formação filosófica do autor.

O conhecido pessimismo de Cioran recebe alguns contornos e nuances, e na pequena obra chamada *Cadernos de Talamanca* esse fator se atenua, intercalando-se com a história do cotidiano e a observação da beleza natural do litoral espanhol. Publicado no Brasil pela editora Aimé, o livro tem apenas 46 páginas, e é movido por um paradoxo essencial: o flerte com a beleza de Talamanca conduz a sua remissão, como se o belo e a condição humana fossem incompatíveis.

A editora Aimé se especializou em resgatar clássicos do ensaio e também em propor a leitura de novos nomes; o catálogo é abrangente e oferece boas surpresas. Resgata nomes como Leopardi, Simone Weil e Musil, textos mais ou menos sucintos e contundentes, e também lança no mercado brasileiro nomes como a brilhante ensaísta catalã Marina Garcés, com seu *Novo Esclarecimento Radical*.

O ensaio é um gênero fluído, de difícil definição, cuja tessitura se abre às aventuras, contradições e audácias do pensamento. Pode-se afirmar que Cioran desenvolveu um estilo próprio dentro dessa seara, entre o literário e o filosófico, um olhar que se desenvolve a partir de uma solidão incontornável e da decepção diante do que faz vibrar

o restante da humanidade: amor, poder e glória. Nada fica imune à verve do escritor, inclusive ele próprio, suas inúmeras vaidades, mesquinhas e fraquezas.

A leitura de *Cadernos de Talamanca* surpreende porque mostra um romeno apaixonado pela Espanha, fato que o escritor nunca negou em diversos relatos e entrevistas. Escritos durante uma visita a ilha em 1966, a descrição das belezas naturais são sempre acompanhadas de um contraponto, uma reflexão ou um aforismo que remetem à impossibilidade de ser plenamente feliz na condição humana.

É em um 10 de agosto que ele anota no seu caderno que “ouvir o vento dispensa poesia, é poesia”, e, em seguida, “É em meio a paisagens muito belas que sentimos a putrefação e ficamos desgostosos do cadáver que levamos conosco” (p. 30). Mais adiante: “Infelizmente esse lugar é bonito demais para que possa desprender-se dele sem me despedaçar” (p. 49).

Os *Cadernos* são escritos em forma de diário, escrita vinculada ao cotidiano, mas que também acolhe aforismos, reflexões, devaneios e máximas. Nos cadernos, a vida interior de Cioran, sua visão desencantada do mundo, é intercalada com observações sobre o estilo de vida dos habitantes do lugar.

Em Ibiza, as pessoas que viviam sem barulho e com poucas necessidades passaram a ser acossados pelo barulho e permanente insatisfação vital. O dinheiro trouxe necessidades e inquietações de toda ordem. “Um pedreiro de Ibiza conta que dez anos atrás, antes da invasão dos turistas, os habitantes eram gentis, afáveis, convidavam as pessoas para comerem em casa, deixavam a casa

aberta dia e noite” (p. 32). Depois do turismo e do progresso, a população tornou-se opaca e irritadiça, principalmente desconfiada, como os habitantes das grandes cidades.

Em um dos aforismos, Cioran afirma que: “É melhor não se explicar, não entregar de mão beijadas a chave do seu ser” (p. 42). E em outro afirma: “o que distingue o pensador do escritor é que o pensador sempre tem algo a dizer” (p. 51). São máximas que oscilam entre o prosaísmo e a provocação, a alusão, a história ou a literatura.

Na cidade litorânea, Cioran não consegue relaxar, sua visão ácida e inquieta do mundo e inúmeras leituras não o permitem. Lembra-se constantemente dos livros que leu: “Aqui é como no livro *Montanha Mágica*, saímos do tempo, como Hans Castorp”. São dias idênticos, o nascer e o pôr do sol, fragmentos de conversas ouvidas em café ou resquícios de leituras.

A beleza de Ibiza provoca a sensibilidade do filósofo, mas não lhe confere paz ou distração, o que ele faz por ali está bem longe do que comumente se entende como turismo. Como afirma o próprio Cioran: “É impossível escapar de si mesmo”.



ALLEJO.COM.BR

LEIA UM TEXTO,  
ESCUTE UM PODCAST.

ALGUMLUCAS.COM

# meu filho não nascido

Mar Becker

como seria ouvir teu choro? talvez eu aprendesse a identificar  
cada instante de modulação do teu choro, as tentativas de recosturar com a voz um rasgo que é próprio da carne.  
meu filho, eu te ouviria  
e nisso começaria a desenvolver por ti, por teu fracasso, aquele desprezo doce de mãe

.  
há quem diga que as mães são capazes de diferenciar os muitos tipos de choro de seus bebês. dor, fome, sono. até  
manha e birra. eu às vezes acho que tua inexistência em mim é tal que tomou forma  
por isso reconheço na minha boca  
a tua boca entreaberta  
(e também o copo-de-leite crescido desse nosso fundo comum  
pendendo, como num jarro)  
por isso compreendo que chamar o primeiro nome é difícil  
ele é também o último  
o único que atravessa de ponta a ponta as palavras de uma língua, que é capaz de machucá-las todas com o mesmo  
pedido  
de misericórdia  
(ou esquecimento)

.  
acho que eu paro de menstruar entre hoje e amanhã. o início do fim, o sangue já manchando de escuro a calcinha

# Destempero

Mateus Senna

Era a pausa de almoço na companhia quando Walter, gerente de redução de custos, decidido a perder os culotes salientes que o impediam de colocar a camisa para dentro da calça de maneira confortável, colocara em seu prato uma quantidade considerável de vegetais — alface, agrião, rúcula, cenoura ralada — e, sobre eles, jogara sal, um pouco de limão e azeite de oliva. Acontece que nem mesmo o guardanapo que gravateava a garrafa de vidro do azeite fora suficiente para evitar que alguns mililitros do líquido escorressem sorrateiros por entre os dedos da mão direita de Walter e, juntos ao suor de seus poros, a deixassem extremamente lisa. Walter ainda tentou limpar-se com um papel-toalha que cobria os copos no fim do bufê, mas, ao segurar os talheres, notou que de nada tinha adiantado: sua mão direita deslizava incomodamente pelo cabo do garfo.

Constrangia-lhe ter de sair para o banheiro no meio da refeição, com o prato já feito e apenas uma garfada na comida: os colegas pensariam que estava com diarreia (e provavelmente, às gargalhadas, ainda botariam a culpa na dieta que sequer tinha iniciado). Tomando cuidado para que ninguém notasse, começou a enxugar a mão na coxa. Porém, Walter percebeu que, ao movimentar a mão para frente e para trás sob a mesa, as barras da toalha que a cobria também se balançavam, e imaginou que alguma das mulheres presentes naquele grupo o acusaria de estar se masturbando durante a refeição.

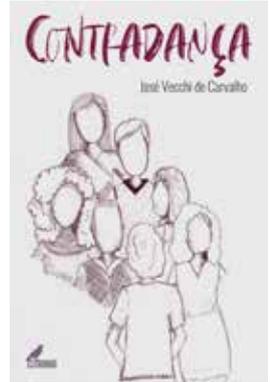
Desesperado, Walter começou a suar. Sua testa, alongada pela calvície em fase inicial, pingava suor em cima da salada; a camisa azul-bebê fora

manchada com dois círculos nas axilas.

Em um tique de ansiedade, Walter tirou os óculos, sem tomar cuidado para não encostar a mão nas lentes. “Walter, tá tudo bem?”, perguntou Ruth, uma das supervisoras, quem Walter ensaiava convidar para um *happy hour* particular há meses. A pergunta de Ruth o delatara. Todos agora olhavam para o gerente de redução de custos, que, por sua vez, olhava fixamente por detrás das lentes embaçadas dos óculos para as folhas verdes temperadas.

Walter se levantou, empurrando sem querer a mesa, e deixou evidente a mancha de gordura sobre a coxa direita de sua calça cáqui. Sem olhar para os lados, andou o mais rápido que pôde até o banheiro, não sem antes trombar com a mesa do bufê e derrubar alguns dos copos de suco. Encaminhou-se à última cabine, trancou a porta, abaixou as calças e sentou na privada. Com a mão oleosa, precisou de poucos toques para sentir o fervor da ejaculação vazar por entre seus dedos como um óleo divino. Ainda, pensando na preocupação de Ruth e se recordando dos outros olhares que o cercearam, Walter não se conteve e preencheu a patente com o produto de seu nervosismo.

No refeitório, Allan, subgerente, comentava com os colegas de mesa sobre a dieta que o chefe tinha começado, “mas pelo visto o gordinho não aguenta comer só mato!”.



Com alegria, a Editora Estronho lança o livro *Contradança*, de José Vecchi de Carvalho. Os contos são instigantes não somente pelas histórias, mas pela forma que o autor narra fatos corriqueiros para lançar luz em questões importantes do mundo contemporâneo. Leia um dos contos nessa edição.

Para adquirir um exemplar, vá à loja virtual da Editora Estronho. O livro está disponível também na Amazon (físico e ebook).

[www.lojaestronho.com.br](http://www.lojaestronho.com.br)

# Glossofobia

Nelson Rocha Neto

Em toda hierarquia da parvoíce, sou apenas mais um destes cidadãos neuróticos. Porém, variavelmente economizo assuntos para baldar minhas lágrimas e lamúrias em cada esquina. Embora permeado pela baixez moral do comportamento humano, não alcanço o ideário almejado por qualquer indivíduo introduzido na arte da eloquência.

Acredito que a miopia impede-me de encontrar os desenlaces para as aflições que manifesto. Angustiado, aproximo os meus óculos. Sou incapaz de empregar uma máscara aprazível enquanto percorro as masmorras da memória em busca de palavras para iniciar o discurso para uma conferência de funestos ouvintes entediados da poeirenta Universidade.

O silêncio sepulcral despedaçou-se quando a primeira frase proferida preencheu o recinto com rinchavelhada. Sem demora, uma sequidão tomou conta da garganta. A todo custo minha língua vasculhava algum canto úmido. Foi quando o esquálido corpo entrou em estado de trépido. Logo, as descontroladas mãos sacudiam a rasurada papeleta com os tópicos a serem abordados naquela fatídica palestra.

Apesar de todos os esforços para manter a calma, distingui os olhares de desprezo a minha patética pessoa. Meus pulmões se encheram de ar, o ritmo cardíaco acelerou e a visão enturvou. Fiz uma pausa nos

murmúrios monossilábicos para reorganizar os pensamentos que se esvaíam a cada gorgolão de água. A espantosa dificuldade para deglutir, defronte aquela vigilância ociosa à espreita de quaisquer argumentos que pudessem fazer oposição, era potencializada pelas gargantas destoaantes e ondas de calor.

Despersonificado e paralisado defronte aos espectadores, tossegosos e apalermados reclinados sobre os seus contraídos esfínteres, a sudorese emergiu por todos os poros. Gotículas de suor escorriam pela face dormente e ruborizada, embaçando os meus abatidos olhos pregados no assoalho. A réstia de uma mente estrumeira revirava os vocábulos aleatoriamente, preenchida de nada, semelhante a uma concha oca.

Tropegamente coloquei-me à frente do púlpito. O fragor provocado a cada pigarreada rompeu o muco fixado na garganta. Dentre os gorgolejos, a purulência jorrou das mais obscuras cavidades corpóreas. Como um parasita desperto, o pus amarelado oriundo da megametrópole constituída pelos seus indivíduos infecciosos, alimentou-se durante muitos anos da minha distorcida realidade.

Metamorfoseado num fluido viscoso e nauseabundo, não distingui mais as grotescas peculiaridades entre o vadio embriagado, o tísico imundo, o estudante repetente, o empresário velhaco, o político corrompido e

toda a malta sincrética do rebanho servil, negligente e mimetizado que aos magotes ocupam as vielas do monstro urbano.

Logo, um sorriso coagulou no semblante e prontamente iniciei o discurso...



Compre o e-book de Amador Madalena Maia e ganhe uma Bíblia exclusiva acessando o blog [www.bibliapassoapasso.blogspot.com](http://www.bibliapassoapasso.blogspot.com)  
Ou entre em contato com o autor via [amadormaia@gmail.com](mailto:amadormaia@gmail.com)

(31) 986129688

[www.concursosdeculturacienciaetecnologia.blogspot.com](http://www.concursosdeculturacienciaetecnologia.blogspot.com)



editora **penalux**

**Editora Penalux**  
Porque livros iluminam

[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)

# considerando o forte queimado

Alírio Karina

no vão sem fim—ao meio  
do acabou—uma fumaça  
sumptuosa toma fôlego  
—um poder encarnado se  
pinta em ouro—e a chama  
ameaça abraçar ao todo  
mundo—e um mundo se  
põe de máscara e de pé.  
os parentes de luto—o  
parentesco lutando—e a  
cerimônia continua sem  
noite—velas e estrelas  
sem recolhimento—contra o  
quatro-quatro, a lágrima,  
do grémio de terror  
—pilhando o poder do  
contramão. por trás de  
cada bandana as duas  
caras de Jano—por baixo  
do nevoeiro a raiva do  
ainda—a recusa de se  
fazer poeira útil—um  
conhecer inextinguível  
—o ressoar de pulmões em  
lamento—o grito sem fim.

ao meio do acabou—recebido  
por incêndios selvagens—a  
chamada do jamais—um agora  
em pé. a luta sem recolhimento—o  
poder despido na contramão  
—a fúria reagrupa—mais outra  
delegacia se crema.



**CASA**

5 anos!

- Agenciamento Literário
- Leitura Crítica de Originais
- Assessoria de Imprensa para Lançamentos de Livros

casaprojetosliterarios.com.br

f @casaprojetosliterarios

# Esboços pós-Anka Kowalska

Laura Navarro

Talvez sentisse falta dos teus abraços  
mas não consigo avistar tua morada  
de um avião  
por isso escrevo

não há nada de diferente agora  
apenas um caminho a ser fixado  
eu moro perto do vento  
há um cheiro de nostalgia dentro do meu corpo  
pelo menos a poeira é espanada e regurgitada em bolotas  
o ouro não porque senão não permaneceríamos

o telhado azul me fez apreciar pequenas liberdades  
como Lux Lisbon, mas não como numa  
tragédia  
embora histórias de saudade terminassem sempre  
com o dissabor de um aguardente  
descendo pela garganta  
de noite

a solidão é tão gelada  
para me aquecer, abraço árvores  
e até os prédios feios da capital  
tudo isso pela janela  
esperando um pouco daquilo  
que é onírico

enquanto isso eu tento  
segurar um pouco a boca das lágrimas  
eu não choro porque é prudente

estamos vivos mais um dia  
a estrela fria de Capricórnio não se ocupa  
dessas frivolidades

— não vai além de um tudo bem sim

e eu espero aprender esse modus operandi  
o amor é sincero e eu sei que estás bem  
talvez isso me faça ter menos vontade  
de violar a minha pena

ao fim dela tiraremos nossas fardas  
e tossiremos até nas bocas uns dos outros  
como ratos,  
é por isso que não choro mais  
à noite.



# Literatura: algumas posições

Ricardo Miranda Filho

É difícil apor um balanço geral sobre algum tipo de teoria que discorra a respeito de qualquer questão sobre a literatura. Afinal, a realidade aparece de vários modos em circunstâncias diferenciadas, mesmo através de mecanismos de estruturação semelhantes, cujo desenvolvimento é absorvido para essa proposição, delineada pela forma e conteúdo do conjunto de caracteres que a constitui.

Quando se tenta perpetrar uma definição a respeito de literatura, ocorre uma famigerada discussão sobre que argumentos a teorizam. Nem sempre o que pensamos ser obra literária é algo que procede neste âmbito. É notória a inclusão de Shakespeare, Webster, Marel e Milton na literatura inglesa do século 17, mas não Benthan, Marx e Darwin; como também ocorre nos escritos franceses do mesmo século, que vão desde Corneille, Bossuet, Boileau e com a filosofia de Descartes e Pascal.

A formação de conhecimentos literários é, de praxe, ligada a uma prática pela qual vai se construir através de conceitos, não hipotéticos, mas sim teóricos em que a literatura se baseia para a edificação de sua história, crítica e pesquisa; o que ocorria desde a época clássica quando Platão definia as obras literárias, ao afirmar que eram constituídas por meio da transcrição dos pensamentos do poeta, ou seja, este era apenas um imitador da realidade; ao contrário do que pensava Aristóteles: ao escrever *Poética*, dava mais valor aos critérios conteudísticos, em que estavam presentes os temas

dramático e ficcional da prosa, rejeitando a poesia (lírica, satírica, narrativa, dramática, etc.).

Percebe-se, assim, uma literatura descritiva (estética), já que é ligada aos conceitos de belo e valor; é também moderna e, ao mesmo tempo, epistemológica, o que ajuda a compor um conhecimento científico por ser tanto analítica e tópica, pois seu objeto de estudo (o debate sobre a literatura, sua pesquisa e crítica) é questionado de maneira metacrítica, o que discute de maneira metódica a ideologia a fim de firmar uma prática dentro de uma verdade transigente onde não estaria este modo ideológico de propor a literatura, uma vez que esta deveria propor um teor fora do senso comum. Encontra-se, deste modo, contornos marxistas que, como argumenta Marilena Chauí, “não separa a produção de ideias e as condições sociais e históricas nas quais são produzidas”; misturaria apenas a prática junto com uma calúnia, descartando as suas condições de possibilidade. Lanson já figurava sobre este viés ao tentar aperfeiçoar uma teoria adequada e com características humanistas que apresentavam uma burguesia instituída por indivíduos de cultura ou bons gostos, visto que tratava (ainda!) sobre termos ideológicos, cuja força, formadora do texto, se relaciona com a estrutura de poder com o poder da coletividade social.

A priori, não se deve propor algo somente pertinente a um poder social comum e demasiadamente rigoroso por se tratar de uma valia e efeitos que as obras possuem e interpretam sobre

uma leitura da sociedade. Deve-se, no entanto, expor elementos que expressem análise a despeito da produção textual de acordo com fatores intrínsecos relacionados a valores de julgamento que o levem a uma transmissão de ponto de vista que explique o texto em seu entendimento que se organiza por meio do contexto concernente ao momento histórico em que a obra foi escrita.

Por conseguinte, definir o objetivo sensato da teoria derivaria de pressupostos lógicos quanto aos discursos que a definem como tal se apresenta ou como deve ser; alinha-se a algumas argumentações de que houvesse diversas conjecturas literárias, enquanto deveríamos nos contentar somente com a existência de uma teorização, tratada de forma cética e analítica, não que existisse apenas uma, mas como um processo de aprendizagem em que necessitaríamos chegar a um campo de ideias comuns para que não o tornasse tão conflitante como é.

O modelo pelo qual se aciona a literatura seria ainda pertinente a uma formação crítica e contextual sobre as suas condições de desenvolvimento, não se confundindo com uma mera síntese acerca de algum modelo de obra. Em referência a isto, desenrola-se uma distinção entre teoria da literatura e teoria literária, talvez, até ironicamente, por se tentar definir literatura de modo mais crítico e aceitável: enquanto a primeira se refere ao ramo da literatura geral e comparativa que designa a reflexão sobre suas

condições; a segunda trata da reflexão sobre a criticidade da ideologia, compreendendo, assim, a teoria da literatura de acordo com o momento e o lugar em que é produzida. Além disso, a teoria literária se apresenta de acordo com os preceitos do formalismo russo, proposto por Roman Jakobson e marcada pelos ideais do marxismo. Terry Eagleton argumentava que a proposta do formalismo era um trabalho que colocasse a linguística dentro do conjunto literário; logo, poderia dizer que a maior preocupação dos formalistas estava estagnada na estrutura da linguagem, dando ênfase ao conteúdo e à forma literária, ou seja, o conteúdo motivava o modo como se constituiria uma obra, já que a literatura seria um tipo especial de linguagem em contraste com a linguagem comum. Porém, a teoria literária usaria as proposições formalistas, mencionando ainda mais a crítica da ideologia (ou de um bom senso literário) e a análise linguística, que emprega, no processo comunicativo, diversos meios para o uso da nossa linguagem — os quais vão desde a base articulatória da língua até a cognitiva, relações entre o humano e o mundo social em que este vive.

Consequentemente, liga-se a reflexão literária sobre as noções comuns da literatura ao bom senso criativo, intuindo os principais alvos da teoria para um discurso sobre o tema, que, implicitamente, levá-lo-ia às definições que reduziriam os elementos literários. Ao construir um texto, deve-se ligá-lo a cinco hipóteses a fim de

haver sucesso com a produção: um autor, um livro, um leitor, uma língua e um referente. Quando sucede a uma invenção, conclui-se que há uma necessidade de precaver de cuidados que advêm de uma crítica e história sobre a qual irá se perpetuar o nível de intelecto satisfatório para a entrada de conteúdo satisfatório a determinada situação contextual. Permanece a insistência alternativa entre teoria e senso comum para a realização de um estudo literário com respostas possíveis, aceitáveis, cuja expectativa gire em torno de normas éticas e existenciais em torno de um dilaceramento que seja interdependente. Ou seja, as informações utilizadas devem girar em torno de si mesmas: o papel do autor pode ser algo estático, ligado a si próprio; a literariedade pode não contribuir tanto ao papel do leitor, ser uma autoliterariedade.

Em um sentido bem amplo, procura-se chegar a uma definição do que seria a literatura dentro de termos que chegariam a coagir com os valores sociais, críticos e simplistas para questionar o surgimento deste feitiço de estudo com a finalidade de mover a história a um aglomerado de fatores persuasivos à construção literária, desde a sua concepção até o ápice. Entende-se que a literatura convém de aspectos tanto internos, podendo ser considerados informais, embora sejam aceitáveis até certo ponto, já que trabalhado pelo autor (mesmo que de forma limitada); quanto de aspectos externos, provenientes de apreciações condicionadas.

Descrever literatura segue, à risca, características que

compreendem a unidade de uma nação e o seu próprio segmento crítico. Percebe-se que todo conjunto literário se apresenta via regra de acordo com a cultura e com a época em que é feita. Assim como Platão e Aristóteles tentavam definir os gêneros literários, o primeiro dando ênfase ao lirismo, e o segundo, à dramaturgia e à épica na prosa, também, atualmente, se assinala a literatura em histórias em quadrinhos por haver critérios de valor, ideológicos, éticos e sociais. Seria algo muito tautológico falar sobre os temas trabalhados, pois toda a literatura é feita pelo que os escritores delineiam, tendo, portanto, uma extensão de acordo com os autores.

De acordo com o que é realizado numa obra literária, observa-se um consenso social que acompanha um conhecimento de mundo e dos humanos que, segundo a tendência humanista, advém do que a tendência literária nos proporciona. Da mesma forma como Aristóteles e Platão, Horácio chegou a destacar a literatura como variados gêneros literários que ressaltam imaginações sobre o tema selecionado em sua arte poética de acordo com o ritmo, o tom e o metro, que deveriam ser respeitados pelo poeta. Não obstante, a função pode entrar em divergência com a sociedade, no sentido apreciativo, como também acompanhar algum movimento de época que é acolhida ou não pelo indivíduo. Assim como ocorreu no Brasil modernista que, com o processo evolutivo na visão da sociedade, houve um aumento da criticidade ao segregacionismo

socioeconômico, visto a partir de um retrocesso político.

Com algum desenvolvimento conteudístico, nota-se um apego à essência de caráter constitutivista da temática que deveria ser evitado. Ocorreu na visão clássica um domínio qualitativo da forma literária: dominava a ficcionalidade junto à organização das ideias, dos significados (de acordo com o formalismo russo), da substância e da forma da expressão (sons e organização dos significantes, respectivamente). Ou seja, a ficção, para a poética clássica, é caracterizada como modelo ou conceito de conteúdo. Em nome dessa distinção, assevera-se que a literatura obtém um fim em si mesmo. Embora haja certa inclinação à linguagem cotidiana, intui-se que há uma exigência de se separar a elocução comum para a valorização do uso mais literário para a opacidade a fim de ser mais perceptível, explorar o material linguístico. Assim fazia Jakobson: colocava a literariedade junto ao uso propriamente da linguagem determinada com um uso mais autorreferencial, extraíndo os pontos estranhos da literatura para a condição verbal do texto.

Não que houvesse ato de preconceito por parte da literatura, mas sim visões diferentes neste amplo campo de discurso, o que traria polêmica para se chegar a um conceito certo ao relacionar diversos tópicos com normas de comunicação. Os elementos linguísticos poriam referência à tradução da poeticidade que, segundo Jakobson, insistiria na mensagem propriamente dita,

não retirando os tópicos que a formariam; continuaria com as outras funções (locutor, receptor, referente, código e contato), mas com predominância no texto, não distinguindo as formas literárias das linguísticas, que se tornariam mais visíveis.

Assim, a realidade literária nos leva à implicação da linguagem como formação dos estudos da literatura ligada a termos de análise crítica em relação à norma textual utilizada a partir de contextos da sociedade que fazem dele um uso literário, não se abordando somente a sua origem. Assim, ressalta-se a predominância discursiva sobre a posição que varia da norma ao desvio do conceito.

Enfim, conclui-se que a literatura se compõe de acordo com petições de princípios; é posta pelas instituições, sejam professores, editores, entre outros, o que dificultaria passar das dicotomias literárias: da forma ao conteúdo ou da forma à compreensão. Destaca-se ainda a posição que grupos sociais depositam no próprio poder sobre os outros, apesar de os limites literários mudarem com o tempo.

# Vô

Ana Priscila

Lembro-me de suas mãos  
rijas de janeiros mil.  
De seus causos do mato,  
de seu jeito cordato,  
da porta da casa  
azul anil.  
Sinto falta de Ziziu.



## João Ubaldo Ribeiro

*Trecho de “O conselheiro come” (livro homônimo, ed. Nova Fronteira, 2000).*

O pior é que tem muita gente que topa [trabalhar sem remuneração] e, assim, trabalhadores como o Mario Prata e eu continuam repulsivos mercenários. E também se aceitam “pagamentos simbólicos”, embora o supermercado da esquina se recuse a receber símbolos. Enfim, imagino eu, tudo pela glória. No meu caso, infelizmente, tenho de deixar a glória para depois, o conselheiro persiste em comer. Até mesmo porque descobri que o banco a que pago para guardar meu dinheiro (não digo o nome porque quem acaba sendo preso sou eu) tem um sistema de segurança falho, que permitiu que alguém clonasse meu cartão, soubesse minha senha e me depenasse aos bocadinhos durante meses. Agora tenho de me virar; vou ali, pedir uma cesta básica às Musas.

Da redação: agosto de 2020 marca o último mês em que o **RelevO** não remunera os seus autores e autoras publicadas. A partir de setembro, seremos da categoria “jornal que paga pouco”, melhor do que jornal que não paga. Faremos pagamentos retroativos regulares desde março, início da quarentena no Brasil, até agosto, ambicionando quitar com todos até dezembro.